

A experiência da escola alemã será aplicada no Brasil ?

A Escola de Ulm, os artistas e a indústria

ENCONTRAM-SE no Rio dois alunos da Escola Superior de Desenho de Ulm, Alemanha: Angela Hackelsberger, estudante de tipografia e artes gráficas, e o arquiteto Klaus Frank. A Escola de Ulm sempre constituiu motivo de curiosidade e polêmica para os artistas do Rio. E assim um pequeno grupo de artistas brasileiros, Ivan Serpa, Sérgio Camargo, Frans Krajcberg, Vera Tormenta e Darel encontraram-se, no atelier deste último, com Angela e Klaus e os crivaram de perguntas. No aturdimiento de uma conversa em quatro línguas (português, francês, alemão e inglês) chegaram todos a se entender ou, pelo menos, acreditaram que tal ocorreu. E é um resumo desta conversa, que trazemos aqui.

O QUE É A ESCOLA DE ULM?

Estava posta a questão pelo grupo. Coube a Angela dizer que se trata de uma instituição particular, reconhecida oficialmente, recebendo mesmo auxílio do Governo. Destina-se a dar formação técnica e estética a profissionais ou artistas interessados nos diversos ramos da arte aplicada à indústria. O aluno, ao ingressar na Escola, vem de onde vier, tenha a capacidade que tiver, deve passar, necessariamente, durante um ano, por um curso geral, preparatório à "nova visão". Uma vez imbuído do espírito da Escola, escolhe um dos quatro departamentos especializados: Arquitetura; Desenho Industrial; Comunicação Visual (tipografia, organização de exposições, fotografia, marcas registradas, rótulos, cartazes, técnicas de reprodução comercial); Informações (jornalismo e teoria de informação e comunicação, compreendendo rádio, cinema e televisão). E Angela conclui: para frequentar a Escola de Ulm é necessário que o indivíduo já tenha conhecimento da matéria que vai desenvolver ali, sobretudo no que se refere à arquitetura: o curso é para arquitetos.

Sérgio — Trata-se então de uma escola de aperfeiçoamento?

Angela — Sob certos aspectos, sim.

Vera — E a atividade artística independente (pintura, desenho, gravura, escultura) não é também realizada na Escola?

Angela — Não, mas quase todos os alunos são artistas que se dedicam a essas variadas atividades, e que as realizam dentro da escola (pois moram ali) trocando idéias e experiências entre si.

Klaus — No curso preparatório e nas classes especiais estuda-se função, material, métodos de produção, economia e estética. A experiência artística é pessoal. (E desenha um gráfico explicativo).

Frans — Então, é uma Escola técnico-profissional?...

Angela — Estaria mais próxima de uma escola de artes e ofícios do que de uma escola de belas artes. Mas, fugindo a qualquer norma tradicional de ensino, pode-se considerá-la uma escola de arte, pois que, abordando as técnicas industriais, cria novas leis de estética.

A ESCOLA DE ULM, O ARTISTA E A INDÚSTRIA

Esclarecidos a respeito das finalidades da Escola, nossos artistas quiseram saber o que motivou a sua fundação, e Sérgio perguntou:

— A Escola surgiu de uma necessidade do mercado? Quais as suas possibilidades futuras?

Angela — Um artista não pode viver em parte nenhuma do mundo, exclusivamente de sua arte; além do mais, as necessidades e preocupações do mundo moderno estão voltadas para o desenvolvimento da indústria. Para que um produto tenha aceitação no mercado é necessário que ele preencha condições mínimas de utilização e beleza, que seja lançado com boa base de publicidade, que seja acessível à bolsa de qualquer um, sem perder em qualidade. A Escola de Ulm educa jovens que trabalham em diversos ofícios.

IVAN Serpa, Darel Frans Krajcberg, Vera Tormenta e Sergio Camargo debateram com Angela Hackelsborg e Klaus Frank, da Escola de Ulm as finalidades e a experiência da conhecida instituição alemã — A atividade criadora e as exigências da indústria — Os processos de reprodução das peças de arte gráfica — "E se o Museu enviasse bolsista a Ulm ao invés de importar teóricos que não conhecem as nossas condições e possibilidades?" — Melhores condições para o exercício profissional é o que reclamam os artistas

Reportagem de DELIA GUIMARÃES

Com os conhecimentos que adquirimos ali podemos fazer cartazes, livros, revistas, jornais, móveis, etc., dentro de formas novas e que a um tempo funcionem e sejam bonitos. Por sinal que em Ulm não empregamos palavras como "bonito", "funcional", etc., usamos "bom", significando qualidade e por conseguinte sendo tudo aquilo. Creio que a indústria é um largo campo a ser explorado pelo artista.

Darel — Existem outras Escolas semelhantes na Alemanha?

Angela — As escolas são tradicionais, e, embora tenham poucas notícias da Alemanha Oriental, sabemos que ali impera o mesmo espírito. Somente na Escola de Ulm há a preocupação de se utilizar métodos de vanguarda na formação de pessoal e no sistema de trabalho. Tomemos a arquitetura como exemplo: existem, na Alemanha, Escolas de Belas Artes que formam arquitetos e Escolas Politécnicas que formam engenheiros. Em Ulm são dados ao aluno os dois conhecimentos: arquitetura e engenharia. E os estudos são feitos sobre obras a serem executadas.

Klaus — Estamos interessados, sobretudo, em construção pré-fabricada. Desenvolvemos nossas pesquisas sempre no sentido da industrialização.

Vera — E quanto a uma intimidade maior entre arquitetos e artistas, a participação destes na obra arquitetônica, executando murais, esculturas, etc.?

Klaus — Evidentemente se um arquiteto desejar a inclusão de um mural em sua obra, ele irá procurar um artista, mas estamos interessados em resolver problemas arquitetônicos independentemente do

entente supérfluo. Um mural servindo como decoração não tem sentido.

ULM NO BRASIL

Serpa — Angela, você sabe alguma coisa sobre um entendimento que teria havido entre personalidades do Rio e a Escola de Ulm, a fim de que fosse criada aqui uma escola semelhante?

Angela — Sei que essa pos-

essas condições de trabalho. Conheço as máquinas que o Museu já comprou, destinadas aos vários cursos.

Sérgio — O Ivan Serpa tem razão. As condições de vida, o ambiente cultural e industrial da Alemanha são inteiramente diversos dos nossos. O que representa uma necessidade e uma conquista para vocês não tem a mesma importância para nós. Um professor estrangeiro aqui, além da difi-

Frans — Mas como são formados esses professores?

Klaus — Nossos professores estrangeiros ou vieram da Bauhaus, como Albers e Max Bill, ou estagiaram algum tempo, cerca de um ano, na Escola, a fim de se identificarem com o ambiente. E' o caso de Maldonado.

Sérgio — Mas, note uma coisa: os professores estrangeiros que estão em Ulm adaptaram-se ao espírito da Escola. Nenhum chegou lá pontificando e impondo teorias. Foram as necessidades de um grupo grande que possibilitaram o desenvolvimento da Escola de vocês. Os outros vão chegando e se fixando ali. Em seus países de origem talvez tivessem se desenvolvido de modo diferente. A nossa arquitetura, por exemplo, se fez grande e realmente trouxe uma contribuição brasileira ao resto do mundo porque surgiu nas condições do momento: falta de habitação, aplicação do capital privado em imóveis, cidades novas sendo construídas, etc. E isto sem que se importassem professores. Evidentemente nossos arquitetos não ficaram ensinados, estavam sempre em contato com arquitetos estrangeiros, através de livros, conferências etc. Mas se realizaram alguma coisa, foi porque gozaram de confiança e se lhes deu possibilidades de realização. E' isso que nós, artistas plásticos, reivindicamos.

DIVERGENCIAS

Foi então que Angela perguntou a Serpa as razões porque não queria ir a Ulm, conforme este declarara a Ferreira Gular. Tal afirmação a tinha surpreendido.

Serpa — Estou farto de sa-

ber de gente que lá está e não faz outra coisa senão repetir as produções de Max Bill, Gildewart e Joseph Albers. Quero eu próprio encontrar minhas soluções. E continua: Darel lutou sozinho durante anos para fazer litografia. Aos outros gravadores faltam prensas e outros materiais de trabalho. O mesmo ocorre com pintores e escultores. Faltam campo onde aplicar os nossos conhecimentos, ainda por cima.

Angela — Nós não queremos parecer pretensiosos achando que todo mundo deve estudar em Ulm, mas você poderia fazer-nos uma visitinha. Em Ulm, ao invés de lutarmos sozinho, lutamos em equipe e isso é muito importante. Vocês vêem o problema de modo muito particular. As técnicas de artes gráficas a que vocês se dedicam são muito limitadas. Têm um interesse exclusivamente artístico. Não atendem às necessidades profissionais industriais. Com o progresso que se atingiu, hoje, neste campo, é incompreensível que se dediquem aos processos manuais de reprodução.

Darel — Nós não desdenhamos os recursos mecânicos de reprodução. Realmente a máquina tem muito maior rendimento, mas em compensação a qualidade do impresso baixou muito. Não se pode comparar o resultado plástico da litografia com o do foto-lito. E a litografia pode alcançar grandes tiragens. A mim interessa mais o pequeno artesanato que as grandes indústrias. Um cartaz em litografia é definitivamente superior a um cartaz em off-set, ninguém o pode negar. E' claro que se fazemos "lay-out" de cartazes, livros, revistas, jornais, etc, precisamos conhecer os processos gráficos da impressão comercial.

Angela — Respeito sua opinião, mas do ponto de vista da informação para as grandes massas, as demais técnicas são muito mais completas e muito mais importantes. Eu também gosto de ver os resultados sen-

síveis, a beleza do granulado de uma litografia, mas um cartaz é visto de longe, essas "sensibilidades" não são perceptíveis. O off-set aí resulta tão bom, senão melhor, que a litografia.

Darel — Concordo que se deve dar importância aos processos industriais, mas é preciso que existam pessoas capazes de se deterem nos detalhes da sensibilidade, mesmo sendo considerados retrógrados. Da preocupação excessiva de industrialização pode resultar um grande perigo: a frieza, a aridez. A industrialização já é responsável por processos de impressão novos e horríveis, como o silk-screen.

Angela — De acordo, com o relativo ao silk-screen, e acho formidável que existam homens como você, entretanto sou de opinião que outros podem pensar em termos de industrialização sem que isso os "resseque".

Serpa — Já existem no Brasil muitos artistas que estão aplicando sua arte na indústria. Fayga Ostrower faz tecidos, Tenreiro e Abraão Palatinik fazem móveis, D'Avila faz vidros e pintura em fôrma numa fábrica, outros fazem jóias, muitos trabalham em jornais como paginadores. Isso já não é novidade para nós. E é para isso que chamamos a atenção: que não somos contra a instituição de uma escola de caráter técnico-profissional, mas já temos no Brasil quem esteja capacitado a ensinar nesta escola.

Angela — A sua concepção sobre desenho industrial me espanta. Creio que tudo isso que você diz tem relação com o artesanato, a manufatura.

Não se sabe, exatamente, o que Angela e Klaus ficaram pensando de nossos artistas. Ela achou Darel uma personagem surrealista, junto à sua prensa velha de sessenta anos. Mas a aproximação do grupo com os jovens alemães foi simpática e possivelmente muita coisa boa pode surgir daí.

OBJETO QUE É PRECISO PRODUIR

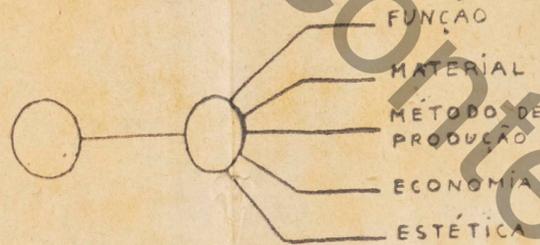


Gráfico desenhado por Klaus Frank

sibilidade foi discutida lá, mas não sei em que bases nem quem foi indicado para levá-la avante.

Serpa — Entretanto nenhum artista brasileiro, que é afinal o primeiro interessado numa escola desse tipo, foi consultado a respeito do que ele necessita, do que ele espera de uma escola profissional. Nós não queremos saber de material de trabalho, queremos mostrar nossa capacidade, somente necessitamos de condições favoráveis para demonstrá-la. Muitos artistas brasileiros estão perfeitamente capacitados a desenvolver essas funções de ensino.

Angela — Mas vocês terão

culdade primeira, provocada pela ignorância da língua, não saberia quais as nossas necessidades, dificuldades e possibilidades. Melhor seria o Museu enviar bolsistas a Ulm, que estudariam os métodos e suas aplicações. Eles saberiam de sua viabilidade aqui no Brasil e tratariam de adaptá-las ao nosso ambiente. O que nós desejamos é que nos dêem meios de realização.

Angela — Não compreendo esta posição nacionalista de vocês. Um estrangeiro pode se adaptar perfeitamente aqui e realizar um trabalho construtivo. Nós em Ulm temos vários professores de outras nacionalidades e isso só nos tem sido benéfico.